

## OS SENTIDOS DE PREGUIÇA E TRABALHO<sup>1</sup> NO BOLSA FAMÍLIA

Belmira Magalhães (UFAL)

[brcmagalhaes@gmail.com](mailto:brcmagalhaes@gmail.com)

Lídia Ramires (UFAL)

[liariamires@uol.com.br](mailto:liariamires@uol.com.br)

### Introdução

Esta comunicação discute o poder da argumentação ao se utilizar de marcas linguísticas, como a metáfora, para produzir sentidos críticos sobre as políticas governamentais, especificamente o Programa Bolsa Família, do Governo Federal. A charge em análise, intitulada Brasil Real, veiculada no *Facebook*, realiza uma crítica contundente aos cidadãos que são beneficiados por esse programa, através da fábula **A Cigarra e a Formiga**, atribuída a Esopo, e encontrada, frequentemente, em livros infantis. A fábula passa por reinterpretações que, no entanto, mantêm a lógica do inverno de fome em consequência ao verão sem trabalho árduo e sem a preocupação com o futuro.

A releitura da fábula traz como pressuposto o lugar da cigarra como o lugar da preguiça, daqueles que não querem trabalhar e se “encostam” em programas governamentais dessa natureza.

Do ponto de vista da AD pecheutiana, o pressuposto fundamental de qualquer discurso, é seu caráter sócio-histórico. Os efeitos das figuras de linguagem, constitutivas da língua - como diz Orlandi -, mostram que há sempre, pelo menos, um outro sentido sendo produzido.

Com efeito, os processos de produção de sentido, necessariamente sujeitos ao deslize (efeito metafórico, transferência), são afetados pela possibilidade de um “outro” sentido sempre possível e que constitui o “mesmo”. Dito de outra forma: o mesmo já é produção da historicidade, já é parte do efeito metafórico. (ORLANDI, 2004, p.22)

Pêcheux (1990), ao se referir ao acontecimento discursivo, reconhece que este se dá, dentre outros recursos, através do jogo entre metáfora, metonímia, paráfrase e polissemia, pela subjetividade na/da linguagem. Seguindo nessa mesma direção, Mészáros afirma que toda escrita já é um processo metafórico:

Isso ressalta o fato de que a metáfora é auto-referencial. Uma afirmativa feita em termos de sujeito metafórico e predicado metafórico só pode se referir a si mesma. Em outras palavras: nessas afirmativas não se faz referência a fatos contingentes e a objetos empíricos, mas a objetos metafóricos que só podem ser encontrados no mundo metafórico do poema determinado (1993, p.244)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Este texto faz parte de um projeto de pesquisa amplo que estuda as diversas formas de discursos ideológicos que buscam, ao mesmo tempo, exaltar as potencialidades da subjetividade e a culpabilização dos sujeitos não empreendedores.

<sup>2</sup> Segundo esse autor, pelo caráter autorreferido e contextual, as metáforas são intraduzíveis e nada resulta diretamente delas. Se a validade das metáforas é uma validade metafórica, só há possibilidade de verdades também metafóricas. Os objetos assim representados são necessariamente objetos metafóricos.

Nesse sentido, as críticas contidas na charge em análise já pressupõem uma pré-disposição incluída na ideologia sobre a pobreza que enfatiza que, normalmente, a culpa pela situação dos pobres é deles mesmos. Não há como, salientou Mészáros uma referencial ao fato em si, nem as condições concretas que levaram milhares de cidadãos brasileiros a depender das políticas compensatórias dos governos.

### 1. A Cigarra e Formiga

Na charge abaixo, aqueles que recebem o auxílio do Bolsa Família são representados pela cigarra e qualificados como preguiçosos. Ao argumentar que a cigarra é contemplada com o auxílio governamental, o discurso é de persuasão, uma vez que procura atingir seu objetivo, envolvendo assim a subjetividade, os sentimentos e buscando adesão ao ponto de vista exposto.



Uma vez que a pressuposição exerce um papel específico em todo discurso: o de colocar a aceitação como condição ulterior do diálogo, na charge, a formiga é o exemplo de sabedoria a ser seguido, uma vez que trabalha exaustivamente no verão, sabendo que será necessário guardar provimentos para o inverno.

Segundo Magalhães, essa fábula “é a expressão máxima desse efeito ideológico, que é transmitido para as crianças desde a mais tenra idade” (2013, p. 215)

Em *Fábulas*, a história é assim apresentada:

#### A Cigarra e a Formiga

Era inverno e as formigas botaram para secar os grãos que a chuva molhara. Uma cigarra faminta lhes pediu o que comer. Mas as formigas lhe disseram:

– Por que tu também não armazenaste tua provisão durante o verão?

– Não tive tempo – respondeu a cigarra –, no verão eu cantava.

As formigas completaram:

– Então agora dance.

E caíram na risada.

Embora a fábula remonte à Grécia Antiga, os sentidos produzidos modernamente remetem a possibilidade do trabalhador ter a liberdade para vender sua força de trabalho e ser livre para escolher entre trabalhar e cantar estão presentes. Nela, cantar é uma diversão, é lazer, parte dos momentos de ócio e, por conseguinte, não é remunerado. O cantar se opõe ao trabalho sincronizado das formigas, insetos de notória força e organização que metaforicamente se aproximam dos exércitos. A cigarra representa um exemplo de desajuste, de falta de adaptação e, conseqüentemente, um problema para a sociedade. A cigarra não soube observar e aprender, não seguiu o exemplo da formiga, não se adaptou, não produz e nem armazena. E na charge, depende do Governo Federal para sustentá-la.

Desde o século XVII, Locke (1994), apresenta esses comportamentos representados pela formiga e pela cigarra, como as causas das desigualdades sociais, imputando somente aos indivíduos sua situação na sociedade. Quem trabalhou tem suas posses, os outros, os descansados, têm como opção trabalhar para os que têm posses ou morrerem de fome. Para esse autor, considerado um dos pilares do liberalismo clássico, a divisão da sociedade em classes tem origem na forma como cada indivíduo gere sua vida. Logo, se não se comportaram como deveriam, merecem os escárnio das formigas que tripudiam, através do riso, da situação precária da cigarra, uma vez que ela não merece a comida que não conquistou. Assim, os que possuem os bens não devem ter culpa pela situação dos desvalidos, já que esses são os únicos culpados de sua situação.

Na sociabilidade atual, tentam-se apagar as contradições sociais, principalmente as determinações de classe, que respondem pelo lugar das formações ideológicas a que se filiam os discursos, exaltando o consenso como a forma básica da sociabilidade. Exalta-se o sujeito livre e decidido, completo, capaz de realizar o que quiser.

Oferece-se ao sujeito a possibilidade de conquistar tudo e, em contrapartida, aqueles que não conseguem (a maioria) são culpabilizados, sob a alegação de que são incapazes de ser empreendedores, isto é, se acomodam, ficando no lugar das cigarras, no caso da charge em análise, se alimentando das benesses do Estado e conseqüentemente dos impostos pagos por todos. Cometendo-se, então, uma injustiça com os cidadãos que se empenham (as formigas) para se manter e contribuir para a grandeza do país.

## 2. Os sentidos de trabalho e preguiça

Como na sociedade de classes, as relações de produção estabelecem o confronto entre os interesses dominantes e dominados; e, por ser a ideologia, fruto desses embates, o discurso nunca exprime apenas um sentido. A possibilidade de deslize, de resistência, está sempre presente, como afirma Lukács:

As atividades espirituais do homem não são, por assim dizer, entidades da alma, como imagina a filosofia acadêmica, porém formas diversas sobre a base das quais os homens organizam cada uma de suas ações e reações ao

[L1] Comentário: Desloquei da introdução para cá.

mundo externo. Os homens dependem sempre, de algum modo, destas formas para defesa e construção de sua existência. (1994, p.40)

Na sociabilidade atual, sem as mediações, sobretudo sem levar em conta as contradições sociais de cada sujeito como ser ideológico/desejante, a subjetividade se sente única responsável pelo seu destino e subsumida, sem nenhuma chance de transformação que não seja por formas idealistas de enfrentamento da realidade, cada vez mais, por ações individuais: drogas lícitas e ilícitas, fundamentalismos religiosos etc. Esse é o efeito que impede/dificulta a possibilidade de entendimento da sua própria relação com o mundo. Assim, como diz Tonet, “produzir desigualdades sociais não é um defeito da reprodução do capital. É um dado essencial da sua natureza” (2002, p.11).

Exalta-se o sujeito livre e decidido, completo, capaz de realizar o que quiser. Oferece-se ao sujeito a possibilidade de conquistar tudo e, em contrapartida, aqueles que não conseguem (a maioria) são culpabilizados, sob a alegação de que são incapazes de ser empreendedores.

Seguindo o processo acima descrito, intensificam-se, na contemporaneidade, discursos a partir do sintagma **você pode** (MAGALHÃES, 2013), que será complementado de diferentes maneiras, dependendo das condições de produção restritas de constituição de cada materialidade discursiva e tendo como base a formação ideológica neoliberal, que conduz à formação discursiva que tem no valor de troca, isto é, na produção para o mercado, seu princípio e, por isso, a necessidade de exaltar a competição entre todos e sobre tudo.

Na fábula, não há referência aos hábitos de cada espécie, suas condições de trabalho e de vida – discursivamente, às condições de produção – que fazem de cigarras e formigas integrantes de diferentes classes. Numa primeira abordagem, as duas espécies são tomadas como mais que semelhantes, como seres iguais. E assim, as exigências são as mesmas para cada uma e os resultados obtidos pela formiga – e pelo grupo que ri da situação de fome da cigarra – são tomados como aquele que a cigarra deveria ter alcançado e não conseguiu.

Numa outra interpretação também possível, embora a formiga e a cigarra sejam insetos, as formas de se relacionarem com a natureza são diferentes, sempre condicionadas pelo código biológico. Fazendo a relação com os que recebem Bolsa Família. Isto é, as pessoas pobres e que eram consideradas miseráveis teriam um “código genético”, uma subjetividade não combativa e adaptativa, como se referia Locke, e simplesmente, esperam as doações do Estado, da Igreja.

Ao acionar o pressuposto de que a cigarra é preguiçosa e a formiga, trabalhadora, percebe-se um deslocamento que faz com que, ao mesmo tempo em que há a crítica ao Governo, há também a atribuição de responsabilidade aos indivíduos das classes pobres pela própria produção de sua pobreza, uma vez que possuiriam, assim como a cigarra, a índole da acomodação, da falta de disposição e combate.

Assim como na sociedade capitalista, na fábula são apagadas as diferenças sociais e, conseqüentemente, a luta de classes na sociedade. São relações de causalidade naturalizadas: não trabalhou, não tem o que comer; não guardou para o futuro, não terá com o que contar. E não há a quem reclamar. (RAMIRES, 2012, p. 70)

A cigarra e a formiga são o verso e o avesso do discurso sobre o sucesso na sociedade capitalista neoliberal. A oposição entre as duas condutas a colocam como os sujeitos bem-sucedido e fracassado, respectivamente.

[L2] Comentário: Não seria bom colocar a (MAGALHÃES, ano)?

Esse discurso convoca ainda o discurso religioso que apresenta a formiga como exemplo a ser seguido pelos cristãos a fim de evitarem a preguiça – um dos sete pecados capitais. Em Provérbios, lê-se “vai ter com a formiga, ó preguiçoso, observa seu proceder e torna-te sábio: ela não tem chefe, nem inspetor, nem mestre; prepara no verão sua provisão, apanha no tempo da ceifa sua comida” (Pr, 6, 6-8). Também no discurso religioso se encontra o discurso da autodeterminação e a responsabilidade individual, sem necessidade de **chefe, inspetor** ou **mestre**. A formiga é exemplo de sabedoria a ser seguido por trabalhar no verão e saber guardar para o inverno.

Ao tempo em que valoriza o trabalho, o esforço, este discurso transfere a responsabilidade para cada um por seu próprio destino e silencia as condições objetivas em que o sujeito se insere.

E a mídia corrobora na circulação desses sentidos. A ideologia capitalista fornece evidências de igualdade, como vimos, e estimula os sujeitos a se colocarem como donos de sua existência. Como afirma Mészáros,

[as] referências à **liberdade** e à **democracia** atualmente são cinicamente postas a serviço de propósitos opressivos [...]. O cultivo e a difusão deliberada de falsa consciência pela ideologia dominante, graças ao monopólio virtual dos meios e dispositivos de comunicação de massa, reforçado enormemente pelas práticas dominantes da ordem produtiva fetichista do capital, pertencem ao mesmo quadro. (2011, p.127, grifo do autor)

O tipo de estratégia explícita na charge é exemplar do funcionamento ideológico neoliberal, que precisa criar subjetividades que se percebam como autônomas, mas sigam as regras que o próprio sistema determina. Lembremo-nos de que o tempo do trabalhador e seu controle são a base da lógica capitalista, para a extração da mais-valia. Pode-se fazer tudo, desde que não se tenha um minuto sequer de ócio criativo - conquista da humanidade que possibilitou, entre outras coisas, o surgimento da expressão artística.

Na modernidade, estudos sobre essa relação cada vez mais se disseminam, pois há necessidade de fazer com que o trabalhador renda o máximo. Paralelamente, não há uma adequação individual, pois sempre dependente das necessidades do empregador. Mas o efeito discursivo dessa sequência encaminha as subjetividades para se sentirem com a possibilidade de decidir sobre alternativas que a realidade não permite.

### 3. Estado e Bolsa Família

Para que possamos entender melhor a crítica da charge, é importante que tenhamos uma noção das relações do Estado com a sociedade. Nas *Glosas Críticas*, Marx afirma que “o Estado e a organização da sociedade não, do ponto de vista político duas coisas diferentes”, pelo contrário, “o Estado é o ordenamento da sociedade”. Tal ordenamento, segundo Marx, “repousa sobre a contradição entre a vida privada e pública, sobre a contradição entre os interesses gerais e os interesses particulares, uma vez que é na sociedade civil que o Estado moderno tem o seu fundamento natural”. (1995, p. 80-81)

Dessa forma, a compreensão da função social exercida pelo Estado no capitalismo é essencial para identificar os limites da incorporação das demandas da classe trabalhadora pelo poder estatal e, portanto, para compreender as razões pelas quais a satisfação das reais necessidades dos indivíduos é incompatível com a lógica do sistema capitalista. Por não poder resolver o problema da pobreza - uma consequência

da lógica do capital que produz, simultaneamente, riqueza e pobreza - o Estado cria políticas compensatórias e afirma sua intenção de transformar a vida dos pobres, como disse a presidenta Dilma no discurso de campanha eleitoral de 2010: acabar com a pobreza.

O programa Bolsa Família faz parte dessa estratégia governamental. Instituído pelo Decreto nº 5.209, de 17.09.2004, é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza de transferência em todo o País. O programa integra o Plano Brasil sem Miséria, que tem como foco de atuação 16 milhões de brasileiros com renda familiar *per capita* inferior a R\$ 70 mensais, e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos. O Bolsa Família possui três eixos principais: transferência de renda para minimizar a situação da pobreza; as condicionalidades que reforçam o acesso a direitos sociais básicos nas áreas de educação, saúde e assistência social; e os programas complementares que objetivam o desenvolvimento das famílias, de modo que os beneficiários consigam superar a situação de vulnerabilidade.

São essas pessoas que na charge são chamadas de preguiçosas, sem vontade de vencer, acomodadas ao auxílio do Estado – que também é criticado por aplicar o dinheiro dos impostos em auxílio a pessoas que não o merecem.

As políticas compensatórias não resolvem os problemas sociais não porque os pobres são preguiçosos, mas porque o Estado, como vimos, funciona qualitativamente como o braço político e militar na manutenção da sociedade capitalista. As políticas compensatórias formam o auge na possibilidade de ação do Estado, como diz a antropóloga Walquíria Leão Rêgo, que faz uma avaliação positiva do Programa:

Não acho que resolveu o problema. Mas é o início de uma democratização real, da democratização da democracia brasileira. É inaceitável uma pessoa se considerar democrata e achar que não tenha nada a ver com um concidadão que esteja ali caído na rua. Essa é uma questão pública de maior importância. (RÊGO, 2013)

Embora essas políticas implementadas pelo Estado Brasileiro sirvam a manutenção do sistema capitalista, pois apenas “suavizam” as disparidades sociais, os miseráveis continuam miseráveis, mas vivendo um pouquinho melhor. O que a charge nos mostra é o desenvolvimento da ideologia do individualismo exacerbado que acaba produzindo pessoas que, cada vez mais, só se importam consigo mesmas.

## Conclusão

Culpam os pobres por serem preguiçosos, sabendo-se que apenas uma minoria tem condições de alcançar algum benefício desse sistema. Esses serão os exemplos que colocarão todo o restante (a grande maioria) como incompetente e responsável por sua própria impotência e decadência.

Como não há espaço para todos, nem a possibilidade de crescimento econômico e social de todos, o jogo ideológico liberal, desde o início da modernidade, baseia-se na possibilidade de se conseguir mudar de situação social e individual apenas a partir da ação do sujeito. Com a modernidade, o homem livre é responsável por si próprio, logo, quando não consegue alcançar seus objetivos, a culpa não é de ninguém a não ser de si próprio.

Para que isso produza – o que é próprio da ideologia – um sentido de evidência, é necessário que alguns consigam e levem outros a lutar pelo mesmo, como o expresso na metáfora da formiga trabalhadora, mas não se discutem as condições

objetivas da realidade. “Você decide, você escolhe se seu dia vai ser bom ou mau; só depende de você. No final do dia a culpa vai ser sua”. (Programa Mais Você - Rede Globo, em 29/06/2011- fala da apresentadora).

Essa é a lógica que sustenta o discurso da charge. O sistema econômico capitalista precisa do silenciamento dos determinantes da sociedade capitalista. Para isso o discurso dominante enfatiza a força da subjetividade através de discursos que mobilizam a incompletude do sujeito e enfatizam a possibilidade da completude. O sujeito contemporâneo, então, aposta que se pode tudo, sem perceber que, para essa lógica, muitos nunca poderão, não há espaço para todos, não há igualdade de oportunidades.

O discurso sobre a transferência da responsabilidade para as escolhas individuais e a obrigação de lidar com as consequências circula pela sociedade e está resumido na máxima popular **quem não trabalha não come**. Esses dizeres são reiteradas vezes apresentados e se mostram como uma relação inequívoca de responsabilidade e produtividade, além de contribuir para a circulação de sentidos do discurso de autodeterminação dos sujeitos, no modo de produção capitalista.

Na Grécia Antiga ou na Bíblia, a noção de que todos têm as mesmas oportunidades e não aproveitam da mesma forma remonta à fábula da Cigarra e da Formiga. O inverno de fome para a Cigarra é a consequência de um verão cantando enquanto a Formiga trabalhava. As folhas que alimentarão o formigueiro são inacessíveis às cigarras agora.

A metáfora da cigarra e da formiga convoca os elementos de saber que sustentam o discurso sobre o sucesso ao tempo em que fortalece as noções de transferência da responsabilidade individual e da obrigação de lidar com as consequências de suas escolhas. Os sujeitos, assim, escolheriam como preferiam passar o inverno: como sábias formigas alimentadas ou como preguiçosas cigarras famintas.

Como já foi salientado, há o silenciamento completo da impossibilidade, em sociedades de classes, de se resolver os problemas cotidianos mais elementares da maioria das populações do mundo inteiro. Com isso tenta-se apagar as falhas do sistema através das práxis ideológicas, pois, como já assinalamos, não há tudo para todos na sociabilidade e o efeito de evidência ideológica assegura que quem não consegue não tem como reclamar, pois as oportunidades foram dadas.

A fábula **A Cigarra e a formiga** é a expressão máxima desse efeito ideológico, que é transmitido para a sociedade desde que os indivíduos são: se a cigarra não trabalhou no verão, que morra de fome no inverno.

A incompletude do sujeito e a incompletude da língua sofrem a tentativa de apagamento, e as afirmações desse tipo funcionam como mecanismo ideológico do sistema capitalista, para, mais uma vez, imputar à subjetividade contemporânea a culpa por uma vida precarizada.

No entanto, essa necessidade da classe dominante de acionar sua ideologia de modo contínuo utilizando-se dos mais variáveis meios, demonstra que o conflito está efervescente e que a subjetividade não responde acriticamente aos chamamentos. Nesse sentido, explica-se o novo “mal-estar da civilização” no século XXI.

#### Referências Bibliográficas

ESOPO. **Fábulas**. Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2011.  
MAGALHÃES, Belmira. **As Marcas do corpo contando a História: um estudo sobre a violência doméstica**. Maceió: Edufal, 2005.

- \_\_\_\_\_. Sujeito no e do discurso: pensando a resistência. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria, Editora UFSM, 2013.
- MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a Reforma Social”**. De um Prussiano. Revista Práxis. n. 5. Tradução de Ivo Tonet. Belo Horizonte, 1995.
- MÉSZARÓS, I. **Para além do capital**. São Paulo, Boitempo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- NETTO, José Paulo. **O caminho do capital**. São Paulo, mimeo, 1990.
- ORLANDI, E. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP, Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- RAMIRES, Lúcia Maria Marinho da Pureza. **“Eles conseguiram”**: análise discursiva dos efeitos de sentidos de “sucesso” no *Globo Repórter*. 2012. 151f. Tese (Doutorado em Linguística)– Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- RÊGO, Walquíria. **Bolsa Família enfraquece o coronelismo e rompe cultura da resignação, diz socióloga (FSP)**. Uma (in)certa Antropologia .2013. Disponível em: <<http://umaincertaantropologia.org/tag/bolsa-familia/>>. Acesso em: 10 set.2014.
- TONET, Ivo. **Sobre o Socialismo**. Curitiba, HdLivros, 2002.